

QUEM TEME O ANARQUISMO QUEER? UMA RESPOSTA A “A TEORIA QUEER E O ANARQUISMO” DO GRUPO MOIRAS

MADELYYNA ZICQUA

TRADUÇÃO POR *TRANSANARK* / *ACERVO DIGITAL TRANS-ANARQUISTA*

Ler o texto “La teoría queer y el anarquismo” (“A teoria queer e o anarquismo”), publicado em 2021 no site do Grupo Moiras²⁰, provoca uma curiosa mistura de riso, repulsa e bastante vergonha alheia. Nós, que participamos do ativismo feminista a partir do anarquismo, temos que lidar repetidamente com a dissolução de distorções grosseiras que provêm da aliança de ferro entre grupos conservadores e grupos de “feministas radicais” (como se autodenominam). É lamentável, portanto, que um grupo que se identifica como anarquista e feminista também encarne esses vícios, reproduzindo seus velhos clichês. O texto que as companheiras do Grupo Moiras disponibilizaram ao público demonstra uma série de falhas na leitura de textos fundamentais, um apego obstinado a pensamentos ultrapassados que hoje pertencem mais a um



²⁰ <https://grupomoiras.noblogs.org/post/2021/03/02/la-teoria-queer-y-el-anarquismo/>

museu do que ao ativismo, uma má-fé venenosa e uma grosseira desonestidade intelectual. Por isso, lamentavelmente, não resta outra alternativa senão reagir a isso com contundência.

O texto tem como finalidade rachar o debate. Sugerir que a teoria queer deve estar o mais longe possível do anarquismo, pois ela somente pode prejudicá-lo. Mas por que as companheiras acreditariam nisso, considerando que a aliança entre a teoria queer e o anarquismo, ou seja, o anarquismo queer, tem sido tão frutífera tanto na produção intelectual quanto em sua práxis durante os últimos 15 anos no mundo anglo-saxão? Resumirei em pontos breves todos os problemas que as companheiras têm com essa posição. 1) O texto destaca a heterogeneidade das tendências dentro da teoria queer, questão que, por alguma razão, a invalidaria. 2) Por outro lado, reclama que a teoria queer surge das “universidades do centro do mundo capitalista”. 3) Além disso, afirma que a teoria queer favorece “o apagamento das mulheres”, tanto cis quanto trans. 4) Preocupa-o, por outro lado, que a teoria queer esteja entrando no anarquismo “sem debate” e teme que isso altere as “prioridades” e os “valores” do anarquismo. 5) A teoria queer seria, além disso, um fruto do pós-modernismo e, consequentemente, um estandarte de todos os seus vícios. 6) Por outro lado, afirma-se que a teoria queer considera que qualquer prática contra-hegemônica é libertadora (nesse sentido, práticas como o BDSM seriam “emancipatórias”). 7) O texto também considera que a teoria queer privilegia as ações individuais, ao passo que despreza a ação coletiva. 8) Na linha do ponto (3), a teoria queer teria a pretensão de “dissolver a categoria ‘mulher’, tornando-a mais complexa e problematizando sua definição”, o que, aparentemente, seria um problema. 9) A teoria queer, além disso, promoveria o relativismo moral. 10) Chegando ao final, estipula-se que o queer “não transgride: o desenvolvimentismo, o consumismo, a grande indústria farmacêutica, a exploração sexual, a urbanização e a turistificação do mundo, e a devastação completa das comunidades humanas, tudo o que o capitalismo protege com leis, armas e teorias coloridas”. 11) Por outro lado, o anarquismo para as companheiras se concentraria nos aspectos chamados

por elas de “materiais”, ou seja, o Estado e o capitalismo, que seriam seus “eixos de luta”, de modo que “o amor livre” e outras questões, apesar de serem de seu interesse, seriam secundárias.

O erro fundamental que atravessa todo o texto reside em uma grosseira dupla medida, típica também do chamado feminismo radical. Qual é a resposta usual que nós, que militamos em diferentes correntes revolucionárias, damos quando alguém afirma que o feminismo significa que precisamos de mais mulheres presidentas, gerentes de grandes empresas e bilionárias? Afirmamos, com boas razões, que isso é um falso feminismo, um feminismo distorcido: dizemos que é um feminismo liberal, que compreende de forma equivocada o patriarcado e, portanto, não busca desmontá-lo. Fazê-lo é correto. No entanto, por que não seria aceitável dizer que também existem falsificações liberais da teoria queer? De fato, se admitirmos que a teoria queer surgiu a partir de tendências intelectuais desenvolvidas nos Estados Unidos, é preciso reconhecer que, em sua origem, ela é muito mais radical que o feminismo incipiente, o qual reivindicava justamente aspirações liberais (como o direito ao voto feminino). Basta, aliás, ler o texto mais conhecido associado à teoria queer, *Problemas de gênero* de Judith Butler de 1990, para perceber que nenhuma das calúnias que lhe são atribuídas no texto das companheiras é defendida ali. Existe uma versão liberal, inútil e esvaziada das ideias queer? É claro que sim, assim como existem versões liberais do feminismo e também do anarquismo, quando alguém entende anarquista como punks bêbados dormindo no parque. Mas aqui nos interessa falar a partir de uma tribuna séria: aquela que reconhece que a teoria queer tem, sim, muito a contribuir para o anarquismo. Devemos responder às preocupações das companheiras, tal como defendemos nós, que somos anarcofeministas queer.

Antes de começar, seria necessário convidar as companheiras a terem um pouco de decoro ao falarem das origens dos movimentos como algo que poderia invalidá-los. A teoria queer reúne discussões que vêm tanto da academia quanto dos movimentos dissidentes, bem como de

amplos grupos de feministas (especialmente racializadas) que consideravam que as análises do feminismo radical homogeneizavam ilegitimamente a experiência diversa das mulheres. O anarquismo, por sua vez, é um fenômeno, por que não dizer, europeu. Teve seus antecedentes nos primeiros socialistas franceses e ingleses. Adquiriu mais forma pelas mãos de um francês famoso por sua misoginia, que elogiava o mercado e propunha a criação de bancos (“populares”). Posteriormente, ganhou mais forma pelas mãos de um russo que participou da primeira Internacional (que não foi realizada nas Filipinas, nem em Honduras, mas na Inglaterra). E continuou avançando e se aperfeiçoando durante o século XIX e início do século XX, onde? No Equador? Na Malásia? No Senegal? Não! Nos países mais desenvolvidos da Europa, na parte ocidental: Itália, França, Espanha, Alemanha, Inglaterra, Holanda etc. E, na verdade, não há nada de errado nisso. O anarquismo é correto e é a forma como a humanidade deve se organizar. Sua origem não o invalida; e o mesmo vale para a teoria queer.

Em outra parte do texto, defende-se que o anarquismo sempre defendeu os trabalhadores e que sua origem está nos movimentos de classe, dos oprimidos. E tudo bem que as companheiras, que se enquadram em uma pequena tendência que respira com tanques de oxigênio como o anarcossindicalismo, queiram fazer revisionismo histórico e ignorar que o anarquismo possui uma deriva individualista que flui com bastante coerência desde Proudhon até Stirner, e depois chega aos Estados Unidos, e nos oferece os trabalhos de Lysander Spooner, Benjamin Tucker, do hiperconservador Henry George, e tudo isso como antecedentes do anarcocapitalismo. Nada disso é um problema, porque o que importa para defender um movimento político não são as supostas intenções de seus supostos fundadores, mas em que medida ele reflete uma maneira ética de organizar a vida social. Nós, que somos comunistas libertários, não devemos temer a existência de uma ala equivocada do anarquismo, nossa crítica sempre será contundente. Tenho certeza de que as companheiras não lamentarão que sua caixa de ferramentas argumentativas fique

incompleta se lhes tirarmos as falácias *ad hominem*. Agora, sim, podemos entrar no assunto.

COM PERAS E MAÇÃS

Acho que a frase do texto que melhor resume a atitude conservadora das companheiras é quando elas consideram que a introdução da teoria queer à nossa luta pode ofuscar “consensos outrora indiscutíveis no seio do anarquismo”. O texto apresenta o pensamento anarquista como uma posição fixa no tempo e que já está concluída: não há nada de novo a dizer sobre o anarquismo porque nossos melhores teóricos de 90 anos atrás já pensaram tudo de uma vez por todas. Isso, obviamente, representa algo que é um perigo gigantesco para o anarquismo: a preguiça intelectual e a obstinação obsessiva de proteger as teses de “nossos clássicos”, como se eles fossem mais parecidos com Deus nos ditando a verdade do Monte Sinai do que companheiros que compartilhavam suas ideias. Essa atitude, aliás, ignora que toda a tradição escritural do anarquismo tem sido uma sucessão de controvérsias, uma após a outra. As críticas que Malatesta fez contra Kropotkin (rotulando-o de anarco-chauvinista) e contra o anarcossindicalismo são um testemunho vivo disso. Seria necessário perguntar quais são esses consensos preciosos que as companheiras estão buscando preservar e em que medida não seria necessário submetê-los a novas críticas, inspecioná-los com mais atenção, espremê-los para examinar a qualidade dos sucos que exalam e decidir se devemos deixá-los como estão ou, então, substituí-los por outros melhores.

O texto reclama constantemente que a teoria queer complexifica as questões. E é eficaz. A teoria queer aborda o conceito de patriarcado, entendido meramente como a dominação dos homens sobre as mulheres, e mostra que as questões são muito mais complexas. Sua definição inicial mal consegue abordar fenômenos como homofobia, transfobia, ataques a homens não normativos, mulheres reivindicando a dominação masculina, criação sob tais ou quais padrões etc. É por isso que entendemos que o

patriarcado é uma estrutura que tenta estabilizar estilos de vida e modos de ser, e que impõe padrões e normas aos indivíduos por meio de mecanismos coercitivos de todos os tipos (legais, físicos, psicológicos, sociais etc.). Isso permite explicar todo fenômeno patriarcal, desde o marido que bate na esposa porque ela não faz o que “deveria fazer” até o homem que é chamado de viado porque não “possui os modos que deveria ter”. Nesse sentido, efetivamente, a teoria queer mostra que os assuntos que nos interessam têm mais camadas de profundidade, e isso não pode ser senão vantajoso quando se trata de compreender a opressão que tentamos destruir.

Agora, não acho que seja impertinente sugerir que quem escreve contra algo deve entendê-lo, mesmo que minimamente. Simplesmente não se pode dizer, como afirma o texto, que a teoria queer está ligada de alguma forma às políticas de identidade, quando é justamente seu texto mais conhecido, *Problemas de gênero*, que explicitamente as rejeita. A teoria queer é uma teoria antiidentitária, precisamente porque uma parte da eliminação dos padrões que restringem estilos de vida baseia-se em deixar de se catalogar e de se deixar catalogar sob critérios alheios. As políticas de identidade buscam a integração de grupos marginalizados ao sistema patriarcal: buscam esticar as normas para que as diferentes identidades deixem de ser oprimidas (coisa absolutamente impossível na medida em que as normas existem). A teoria queer busca algo diferente: busca destruir completamente as identidades, as categorias, de modo que cada indivíduo possa viver de acordo com seus próprios critérios.

Mas destruir os padrões significa também eliminar a categoria de mulher? Efetivamente. A teoria queer descobre que a existência das “mulheres” é resultado de diferentes práticas que, dentro da nossa cultura, dão origem à categoria. O conceito de mulher não é atemporal e ahistórico, sua existência tem uma origem e uma finalidade: a de oprimir. Não existem mulheres (nem homens) fora do regime patriarcal. E é necessário eliminar todas as categorias criadas pelo patriarcado (mulher, homem, homossexual, monogâmico, heterossexual etc.) se quisermos alcançar a libertação total

dos estilos de vida. A aspiração da teoria queer reside na eliminação profunda dos padrões que são impostos a todas as pessoas, para que todas possam ter o estilo de vida que desejam. É o que costumamos chamar de abolição do gênero. Nesse sentido, a teoria queer possui uma aspiração anti-hierárquica em um âmbito específico: abolir as hierarquias ligadas ao gênero, eliminando o que as torna possíveis: o gênero. Com isso, já vemos que o que é realmente libertador não é a transgressão, como diz o texto. O texto confunde a práxis política da teoria queer (da qual falo a seguir) com seu objetivo. Aquilo que é verdadeiramente libertador, ou seja, o que um indivíduo que vive em um mundo sem patriarcado deseja, é viver como bem entender, sem qualquer tipo de coerção. Será antes o feminismo radical, notoriamente transfóbico, que colocará a “transgressão” no centro, ao assediar mulheres que procuram ajustar-se mais ou menos aos padrões da feminilidade.

As aspirações da teoria queer, então, são coletivas. Mas e quanto aos métodos? Será que a teoria queer, em termos de práxis, ou seja, em termos dos métodos para atingir seu objetivo, privilegiou a ação individual? Na verdade, não. Há diferentes propostas. Judith Butler sugere, no final de *Problemas de gênero*, que atos públicos disruptivos em relação aos padrões existentes podem tender a desnaturalizá-los diante dos demais, incitando seu questionamento, e que isso conduz a mudanças culturais. Não é que tais atos sejam, por si só, libertadores para os indivíduos, mas sim que são pensados como algo que pode contribuir para questionar a obrigatoriedade das normas sociais, tendo em vista a libertação de todos. Esses atos, aliás, tendem a ser obras coletivas de grupos, mais do que de indivíduos isolados. Mas isso é apenas uma proposta. A partir da pedagogia queer, tem-se discutido muito sobre como avançar no desmantelamento do patriarcado dentro e fora da sala de aula, e essas práticas têm sido muito nutritivas para a atual pedagogia libertária. Por outro lado, o anarquismo queer, em debate com as discussões contemporâneas em torno da práxis do anarquismo,

também tem discutido esses temas, por exemplo, minha própria proposta de política prefigurativa anarquista queer desenvolvida em outro trabalho²¹.

Agora, seria um tanto irônico que quem se queixa da ameaça da linguagem inclusiva, como fazem as companheiras no início do texto, pudesse atribuir à práxis queer algo tão falso como que o problema da opressão que combatemos é meramente linguístico, em contraste com a luta anticapitalista e antiestatal que possui uma “base material”. Seria necessário determinar qual conceito de materialidade está sendo utilizado aqui para explicar em que medida algo tão insensato poderia ser sustentado. A imposição de padrões por meio de diferentes formas de coação é um fenômeno absolutamente palpável. A discriminação, o maltrato, a intimidação, a marginalização, a humilhação, a exclusão, os insultos, a condescendência, as agressões físicas e os assassinatos e todas as formas de violência que se abatem sobre os indivíduos para que obedeçam a padrões pré-existentes impostos pela sociedade são algo tangível, palpável e real. Os méritos da tradição pós-estruturalista na qual a teoria queer se inspira têm sido mostrar como essas coações ocorrem não apenas em níveis macro, mas também em níveis micro. Os mecanismos disciplinares, para usar um termo de Foucault, autor que afugenta as companheiras, são eficazes e empiricamente comprováveis. E o fim dessa opressão não ocorrerá com o que um ou outro indivíduo decretar, mas com uma mudança profunda e radical nas formas como nos relacionamos: com uma revolução da cultura. Seria necessário ter um conceito de “materialidade” extremamente restrito e arbitrário para acreditar que a opressão patriarcal, devidamente pensada, é algo que carece de qualquer tipo de entidade para ser colocada como algo secundário em relação à luta antiestatal e à luta anticapitalista. E é aqui que percebemos como a tradição teórica do anarquismo posterior à Segunda República Espanhola passa por cima das companheiras, à luz de sua resistência em aceitar qualquer forma de inovação dentro da teoria

²¹Zicqua, Madelyyna. “Praxis prefigurativa anarquista queer”. Disponible aquí: <https://www.portaloaca.com/pensamientolibertario/textosanarquismo/praxis-prefigurativa-anarquista-queer/>

anarquista. O anarquismo rapidamente percebeu que suas aspirações não eram apenas anticapitalistas e antiestatistas, que era muito mais do que um movimento de classe. O anarquismo é um movimento anti-hierárquico, e sua luta é pela humanidade, pela construção de um mundo onde ela possa habitar com toda a plenitude. É por isso que buscamos a abolição de todas as formas de opressão, incluindo a opressão econômica, política, patriarcal, especista, racista etc. Quem não compreende que o eixo da causa anarquista é a abolição de todas as formas de hierarquia, com vistas a criar uma sociedade anti-hierárquica, não compreende o anarquismo.

PARA IR CONCLUINDO

Dito isso, acredito ter conseguido mostrar como o texto das companheiras é mais um sinal da desinformação que circunda a teoria queer. O importante já foi dito, então vou me limitar a responder às acusações menores que ainda não receberam réplica.

Ao contrário do que dizem as companheiras, a teoria queer não entrou “sem debate” no ativismo anarquista. Depois que, na década de 70, Peggy Kornegger escreveu “Anarquismo: a conexão feminista”, sintetizando e sistematizando o que havia sido o anarcofeminismo durante décadas, entrou-se em uma inércia teórica em que praticamente nada aconteceu. Foi necessária a chegada dos debates nutritivos que se formaram a partir dos movimentos dissidentes, do feminismo negro, do transfeminismo e do feminismo interseccional para que, no início do século XXI, assistíssemos a um *boom* de trabalhos que deram ao anarcofeminismo uma necessária lufada de oxigênio: assim nasceu o anarcofeminismo queer. No final deste trabalho, encaminho um *syllabus*, onde as companheiras podem se informar sobre esse debate que, aparentemente, desconhecem por completo. De qualquer forma, o ativismo anarquista queer mostrou-se suficientemente combativo para ter sua própria célula junto ao exército curdo, o *Exército de libertação e insurreição queer* (TQILA, na sigla em inglês), na luta contra o ISIS.

Por outro lado, seria necessário determinar qual é a definição que as companheiras têm de “pós-modernismo”. Nós, anarquistas queer, somos acreditamos fortemente na anarquia e no comunismo como modos autenticamente éticos sob os quais a humanidade deve se organizar. Ninguém poderia nos rotular de relativistas morais, porque acreditamos tão firmemente em nossa racionalidade que estamos abertas a novas evidências, que antes não eram tão visíveis, para refinar e aperfeiçoar nossas posições. Essa é uma demonstração de confiança na razão bastante mais construtiva do que uma posição que entende os ideais como ideias platônicas fixas e incorruptíveis, e que assume que o passado já resolveu todas as questões e, portanto, as pessoas do presente não precisam refletir sobre nada, apenas repetir o dogma. Além disso, dado que o anarquismo queer nada mais é do que anarquismo e comunismo libertário, não é possível acusar-nos de não combater todos os males, como a indústria farmacêutica, o problema ecológico e todos os outros males associados à sociedade hierárquica.

Por fim, não será possível lidar aqui com o problema da prostituição e com o fato de que a posição das companheiras apenas implica em marginalização das trabalhadoras sexuais tanto por sua recusa à sindicalização quanto por favorecer a abolição por meios estatais. Aqui observamos os preconceitos próprios do sindicalismo que acredita na existência de trabalhos dignos e que nossa luta não está orientada para a abolição do trabalho, mas apenas para libertá-lo do capitalismo. Isso terá que ser assunto para futuros escritos.

SYLLABUS DE TEXTOS SOBRE ANARQUISMO QUEER

Para alívio das companheiras, temos promovido nos últimos anos a tradução de textos fundamentais dessa tendência, por isso coloco à disposição de vocês aqueles que já traduzimos. De qualquer forma, há muito mais em inglês desses e de outros autores que as companheiras podem procurar por conta própria.

- Stacy aka Sallydarity. “Anarcafeminismo y la nuevísima ‘cuestión de la mujer’”. Bugambilia n° 1.
- Stacy aka Sallydarity. “El género es un arma: coerción, dominación y autodeterminación”. Bugambilia, n° 4.
- Stacy aka Sallydarity. “Cuando el feminismo es repugnante: pensamientos iniciales sobre la abolición del género”. Bugambilia, n° 5.
- Pizarra Libertaria. “Apuntes sobre las lecciones del anarquismo y pedagogía queer para la pedagogía libertaria”. Bugambilia, n° 1.
- Tía Akwa. “Anarcofeminismo y separatismo. ¿Cuál es el lugar de los hombres (cis-hétero) en la lucha anarcofeminista?”. Bugambilia, n° 1.
- Tía Akwa. “La orientación sexual como categoría patriarcal. Notas desde el anarquismo queer”. Bugambilia, n° 4.
- Zicqua, Madelyyna. “Lucha trans y anarquismo queer. Desbaratando dogmas (trans)feministas por la liberación total”. Bugambilia, n° 4.
- Zicqua, Madelyyna. “Praxis prefigurativa anarquista queer”. Disponible aquí: <https://www.portaloaca.com/pensamientolibertario/textosanarquismo/praxis-prefigurativa-anarquista-queer/>
- Jamie Heckert, Deric Michael Shannon, Abbey Willis. “Amando-Enseñando: Notas para una pedagogía anarquista queer”. Bugambilia, n° 2.
- Abbey Volcano y J. Rogue. “Insurrecciones en las intersecciones. Feminismo, interseccionalidad y anarquismo”. Bugambilia, n° 3.
- Rogue. “Desesencialización del feminismo anarquista: lecciones del movimiento transfeminista”. Disponible aquí: <https://es.theanarchistlibrary.org/library/j-rogue-desesencializacion-del-feminismo-anarquista-lecciones-del-movimiento-transfeminista>
- Phil. “Identidad, política y antipolítica: una perspectiva crítica”. Bugambilia, n° 3.
- Andrade Rodrigues, Gabriela “Pedagogías queer y libertarias para la educación en cultura visual”. Bugambilia, n° 3.

O acesso a todos os números da fanzine Bugambilia pode ser realizado pelo seguinte link: <https://editorialiskra.wordpress.com/fanzine-bugambilia-colectiva-brotar/>